



EPISTEMOLOGIA E METODOLOGIA DA PESQUISA INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS 3

Aline Ferreira Antunes
(Organizadora)



EPISTEMOLOGIA E METODOLOGIA DA PESQUISA INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS 3

Aline Ferreira Antunes
(Organizadora)



Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobbon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alessandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis

Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Livia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Epistemologia e metodologia da pesquisa interdisciplinar em ciências humanas 3

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Luiza Alves Batista
Correção: Giovanna Sandrini de Azevedo
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadora: Aline Ferreira Antunes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E64 Epistemologia e metodologia da pesquisa interdisciplinar em ciências humanas 3 / Organizadora Aline Ferreira Antunes. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-853-3

DOI 10.22533/at.ed.533210803

1. Epistemologia. 2. Ciências Humanas. I. Antunes, Aline Ferreira (Organizadora). II. Título.

CDD 121

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

A obra apresenta pesquisas em andamento e concluídas em diversas regiões do Brasil, como Bahia, Rio de Janeiro, Pernambuco, Roraima, Amazonas e São Paulo, além de uma pesquisa em Córdoba, trazendo amplas discussões sobre os mais diversos temas: educação, geografia agrária, gênero, saúde, higiene, moda, direito e religião.

O segundo volume traz pesquisas principalmente nas áreas de educação, gênero e religião. Do capítulo 1 ao 7 temos textos que discutem a educação brasileira em diversos aspectos: a alfabetização não escolar (Capítulo 1), o papel do coordenador pedagógico na educação infantil (Capítulo 2), as políticas de expansões das Instituições de Ensino Superior (IFEs) no capítulo 3.

Os capítulos 7 e 8 fazem a ligação deste tema com pesquisas dedicadas à temática gênero, trazendo discussões sobre uma educação voltada à sexualidade e de uma educação inclusiva a partir da problematização do conceito de gênero.

O capítulo 9 é dedicado ao estudo da presença feminina nas Forças Armadas. Temos também um capítulo dedicado à abordagem da construção da identidade profissional de gestoras (capítulo 10), a saúde de mulheres lésbicas e bissexuais inviabilizadas na medicina (Capítulo 11). O capítulo 12 por sua vez traça uma historicidade da homossexualidade desde a pré-história problematizando as interpretações a respeito do termo.

Do capítulo 13 em diante temos discussões mais próximas da religião com pesquisas que problematizam o gênero e a religião como marcadores históricos (Capítulo 13), o aconselhamento pré-nupcial (Capítulo 14), a iconoclastia da religião ocidental a partir de Gilbert Durant (Capítulo 15) e a educação cristã segundo a *Divini Illius Magistri* (Capítulo 16).

O volume II da obra “Epistemologia e Metodologia da Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas 2” conclui com um capítulo de autoria de Ana Paula Dias e Isamara Freire a respeito da modelagem contemporânea e as técnicas de tricô a partir de lã reciclada e fios 100% de lã voltadas ao vestuário feminino.

O terceiro volume é dedicado a temas mais diversificados, trazendo pesquisas nas áreas de ciências agrárias e geografia, história (patrimônio, urbano) e saúde (corpolatria, enfermagem, medicina).

O primeiro capítulo dedica-se a explorar as políticas públicas na agricultura camponesa, já o segundo trata da recamponização no Vale do Jauri. Também encontramos um capítulo dedicado à explorar o cultivo monocultural (plantio de uma só cultura) transgênica, fundamentado nas discussões de Capra e Morin.

O capítulo 4 por sua vez, de autoria de Rogério da Silveira, aborda novos métodos de pensar a gestão metropolitana. Em seguida temos uma discussão sobre interdisciplinaridade no campo da economia política a partir da epistemologia da palavra.

O capítulo 6 demonstra o compromisso da Atena Editora em estabelecer relações internacionais, um texto em língua estrangeira (espanhol) dedicado à exploração da fronteira interétnica no sul de Córdoba, dos autores argentinos Ernesto Olmedo e Marcela Tamagnini.

O capítulo 7, Tensões entre governo e terceiro setor no Brasil - uma análise do discurso midiático aborda as políticas públicas que envolvem o 3º setor.

O oitavo capítulo do livro dedica-se ao estudo da integração da América do Sul e o meio ambiente na região amazônica por meio de um método qualitativo bibliográfico-documental para analisar as construções das usinas hidrelétricas de Santo Antônio e Jirau no Rio Madeira, em Roraima.

Os capítulos 9 a 11 abordam discussões sobre a preservação do espaço urbano, um versa sobre o edifício Caiçara em Recife, outro trata dos jardins românticos do início do século passado na cidade de Vitória, especificamente o parque Moscoso e a praça João Clímaco e o último retrata a paisagem urbana nas construções do entorno da Escola Técnica de São Paulo.

O capítulo 12 e 13 tratam de pesquisas desenvolvidas no Rio de Janeiro, porém com recortes temporais e espaciais diferentes. Enquanto um trata de uma pesquisa sobre as tradições medicinais da comunidade quilombola de Cruzeiroinho (Rio de Janeiro), outra trata da higiene pública na cidade de Rio de Janeiro à época do Império, por meio de uma pesquisa histórico documental.

Os capítulos seguinte investigam questões relacionadas à saúde. Em “Os riscos ergonômicos no cotidiano das equipes de enfermagem” e “Resistência emocional e empoderamento no salvar vidas: experiências de um enfermeiro emergencista no SAMU”, podemos ler pesquisas que problematizam e relatam a importância da enfermagem, capítulos altamente atrelados ao atual momento de enfrentamento à pandemia causada pelo COVID-19.

O penúltimo capítulo da obra trata dos padrões de beleza reforçados pelas mídias digitais com foco nos conceitos de Corpolatria e refletindo sobre as Histórias em Quadrinhos (HQs) da Turma da Mônica e as representações do corpo nesta mídia específica.

O último capítulo da obra trata da surdez unilateral trazendo embasamentos jurídicos sobre o assunto.

Aline Ferreira Antunes

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A GEOGRAFIA AGRÁRIA E O DEBATE DAS POLÍTICAS PÚBLICAS NA AGRICULTURA CAMPONESA	
Elton Oliveira da Silva	
Aníbal Simões Filho	
DOI 10.22533/at.ed.5332108031	
CAPÍTULO 2	13
RECAMPONEIZAÇÃO DO VALE DO JAURI: ESTRATÉGIAS GERACIONAIS DE REPRODUÇÃO SOCIAL CAMPONESA	
Adelma Ferreira de Souza	
Eonilson Antonio de Lima	
DOI 10.22533/at.ed.5332108032	
CAPÍTULO 3	39
DEMANDAS SOCIAIS: O CULTIVO MONOCULTURAL TRANSGÊNICO E A CIÊNCIA DO LUCRO	
Maria Paula da Rosa Ferreira	
Rosane Beatris Mariano da Rocha Barcellos Terra	
DOI 10.22533/at.ed.5332108033	
CAPÍTULO 4	43
SUBJETIVIDADE: NOVOS MODOS DE PENSAR A GESTÃO METROPOLITANA!	
Rogério Zanon da Silveira	
DOI 10.22533/at.ed.5332108034	
CAPÍTULO 5	54
INTERDISCIPLINARIDADE EM CIÊNCIAS HUMANAS E DELIMITAÇÃO DO CAMPO DA ECONOMIA POLÍTICA: CONSIDERAÇÕES EPISTEMOLÓGICAS	
Luccas Bernacchio Gissoni	
DOI 10.22533/at.ed.5332108035	
CAPÍTULO 6	63
LA FRONTERA INTERÉTNICA EN EL SUR DE CÓRDOBA HACIA FINES DEL SIGLO XVIII: FORTIFICACIONES Y FUERZAS DEFENSIVAS	
Ernesto Olmedo	
Marcela Tamagnini	
DOI 10.22533/at.ed.5332108036	
CAPÍTULO 7	76
TENSÕES ENTRE GOVERNO E TERCEIRO SETOR NO BRASIL - UMA ANÁLISE DO DISCURSO MUDIÁTICO	
Sandro Reis Rocha Barros	
Alessandra Rocha Melo	
Eliana Crispim França Luquetti	

DOI 10.22533/at.ed.5332108037

CAPÍTULO 8..... 98

O PROCESSO DE INTEGRAÇÃO DA AMÉRICA DO SUL E O MEIO AMBIENTE NA REGIÃO AMAZÔNICA: A IIRSA-INICIATIVA PARA A INTEGRAÇÃO DA INFRAESTRUTURA REGIONAL SUL-AMERICANA

Felipe Sanches Barbosa

DOI 10.22533/at.ed.5332108038

CAPÍTULO 9..... 116

COMBATEU O BOM COMBATE, ACABOU A CARREIRA E GUARDOU A FÉ: REFLEXÕES SOBRE O EDIFÍCIO CAIÇARA

Maria de Lourdes Carneiro da Cunha Nóbrega

José Nilson de Andrade Pereira

DOI 10.22533/at.ed.5332108039

CAPÍTULO 10..... 129

O PARQUE MOSCOSO E A PRAÇA JOÃO CLÍMACO EM VITÓRIA – ES: JARDINS ROMÂNTICOS DO INICIO DO SÉCULO XX

Nelson Pôrto Ribeiro

DOI 10.22533/at.ed.53321080310

CAPÍTULO 11 141

PAISAGEM URBANA DAS CONSTRUÇÕES NO ENTORNO DA ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL DE SÃO PAULO: UMA ANÁLISE DIALÓGICA

Rosio Fernandez Baca Salcedo

Caroline Daiane Alves

DOI 10.22533/at.ed.53321080311

CAPÍTULO 12..... 153

INSPIRAÇÕES PARA A QUÍMICA DE PRODUTOS NATURAIS NAS TRADIÇÕES DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE CRUZEIRINHO-RJ, BRASIL

Vitoria do Carmo Frejoli

Juliana Baptista Simões

DOI 10.22533/at.ed.53321080312

CAPÍTULO 13..... 164

HIGIENE PÚBLICA E A INSPEÇÃO DA INSTRUÇÃO NA PROVÍNCIA DO RIO DE JANEIRO (1861-1873)

Vinicius Teixeira Santos

DOI 10.22533/at.ed.53321080313

CAPÍTULO 14..... 174

OS RISCOS ERGONÔMICOS NO COTIDIANO DAS EQUIPES DE ENFERMAGEM

Beatriz Botelho de Andrade

Leila de Fátima Santos

Lilian Machado Torres

DOI 10.22533/at.ed.53321080314

CAPÍTULO 15.....	186
RESISTÊNCIA EMOCIONAL E EMPODERAMENTO NO SALVAR VIDAS: EXPERIÊNCIAS DE UM ENFERMEIRO EMERGENCISTA NO SAMU	
Paula dos Santos Andrade Ferreira	
Leonardo de Jesus dos Santos	
Adernilson Queiroz Alves	
DOI 10.22533/at.ed.53321080315	
CAPÍTULO 16.....	195
A UTILIZAÇÃO DE HQS EM PESQUISAS ACADÊMICAS: UM ESTUDO SOBRE A CORPOLATRIA PRESENTE EM GIBIS DA TURMA DA MÔNICA	
Aline Ferreira Antunes	
Flávia Cristina Paniago	
DOI 10.22533/at.ed.53321080316	
CAPÍTULO 17.....	209
A SURDEZ UNILATERAL E O MODELO SOCIAL DE INTERPRETAÇÃO DA DEFICIÊNCIA ANTE AO ARTIGO 37, VIII DA CONSTITUIÇÃO FEDERAL: ANÁLISE CRÍTICA À LUZ DOS PRECEDENTES DAS CORTES SUPERIORES	
Lara Maria da Frota	
Carlos Eduardo Ferreira Aguiar	
Wellington Aguiar Ponte Filho	
Patrícia Alves de Sousa	
Betânea Moreira de Moraes	
DOI 10.22533/at.ed.53321080317	
SOBRE A ORGANIZADORA.....	218
ÍNDICE REMISSIVO.....	219

CAPÍTULO 1

A GEOGRAFIA AGRÁRIA E O DEBATE DAS POLÍTICAS PÚBLICAS NA AGRICULTURA CAMPONESA

Data de aceite: 01/03/2021

Data da submissão: 05/01/2021

Elton Oliveira da Silva

Universidade Estadual da Paraíba/CH/
CAMPUS III
Guarabira-PB
<http://lattes.cnpq.br/8502077155463362>

Aníbal Simões Filho

Universidade Estadual da Paraíba/CH/
CAMPUS III
Guarabira- PB
<http://lattes.cnpq.br/3161661371988710>

RESUMO: A geografia agrária, nas últimas décadas, tem se destacado pela diversidade de temas que estão incorporados à sua pauta. Nesse aspecto, a principal contribuição da geografia contemporânea sobre o espaço agrário está em tomá-lo com eixo central para entendimento das metamorfoses pelas quais ele vem passando. A geografia, como ciência, vem tendo participação efetiva nas discussões que envolvem o mundo dos problemas sociais envoltos em uma camada superficial de diversas realidades esparsas que se cruzam em determinado ponto e que, muitas vezes, são contraditórias como a agricultura camponesa e o agronegócio. O objetivo desta pesquisa foi contribuir teoricamente ao debate na geografia agrária, discutindo questões históricas e também pertinentes à contemporaneidade sobre as políticas públicas destinadas aos agricultores camponeses que estão intrinsecamente

relacionadas a partir da perspectiva do conceito de *território*. Assim, o trabalho é uma tentativa de contribuir com o debate geográfico nas últimas décadas, particularmente na geografia agrária. O arcabouço teórico-metodológico partiu de obras clássicas e contemporâneas importantes nas pesquisas que envolvem a vertente agrária da geografia. Ele é constituído a partir das contribuições de Corrêa, Denez, Fajardo, Fernandes, Ferreira, Fuini, Lima, Megale, Mitidiero Junior, Garcia, Viana, Moreira, Oliveira, Pereira, Saquet, Souza e Welch. É a partir desses trabalhos que foram situadas as condições do desenvolvimento das políticas públicas para a agricultura camponesa. Há uma disparidade que parte da lógica metabólica do capital, que beneficia o agronegócio em detrimento da produção da vida dos povos do campo que sofrem em um conflito histórico pautado em expropriação e/ou exploração. Dessa forma, o território da agricultura camponesa torna-se desigual e contraditório, afirmando, cada vez mais, a terra como capital e unicamente enquanto local de produção.

PALAVRAS-CHAVE: Território, políticas no campo, agricultura camponesa.

RURAL GEOGRAPHY AND THE DEBATE ON PUBLIC POLICIES RELATED TO PEASANT AGRICULTURE

ABSTRACT: In the last decades, rural geography has been marked by the diversity of themes incorporated into its agenda. In this respect, the main contribution of contemporary geographical debate on the agrarian space is to take it as the central axis for understanding the

metamorphoses it has been through. As a science, geography has been taking an effective part in the discussions involving the world of social problems. This world is enveloped in a superficial layer of diverse scattered realities overcrossing each other at a certain point. Regarded to the agrarian space, the actual layers are often contradictory, as are peasant agriculture and agribusiness models. This research aimed to contribute theoretically to the debate on agrarian geography, discussing historical and also contemporary issues regarding public policies for peasant farmers that are intrinsically related to the perspective of the concept of territory. Thus, the research is an attempt to contribute to the geographic debate in recent decades, particularly in agrarian geography. The theoretical-methodological framework is based on classical and contemporary works that are important regarded to the agrarian aspect of geography. It is constituted from the contributions of Corrêa, Denez, Fajardo, Fernandes, Ferreira, Fuini, Lima, Megale, Mitidiero Junior, Garcia, Viana, Moreira, Oliveira, Pereira, Saquet, Souza e Welch. It is from these works that the conditions for the development of public policies for peasant agriculture have been situated. There is a disparity that starts from the metabolic logic of capital that benefits agribusiness to the detriment of the production of life for the people of the countryside who suffer in a historical conflict based on expropriation and/or exploitation. In this way, the territory of peasant agriculture becomes unequal and contradictory, increasingly affirming the land as capital and only as a place of production.

KEYWORDS: Territory, policies in the field, peasant agriculture.

1 | INTRODUÇÃO

A geografia agrária, nas últimas décadas, tem se destacado pela diversidade de temas que está incorporada em seus estudos, que contribuem com a discussão atual da geografia em torno do espaço agrário, o que significa compreendê-lo como forma principal de entendimento das metamorfoses que o atingem. A geografia, em particular a geografia agrária, tem se transformado em perspectiva-chave para analisar o espaço geográfico, uma vez que o espaço rural, nas últimas décadas, tem sido o berço de um conjunto proeminente de fenômenos frutos da *modernidade* e de um processo em totalidade que muitos chamam de *globalização*. A técnica adentra o campo e intensifica o processo desigual e combinado que a marcha do capitalismo impõe, significando que o campo é base para entender as relações de produção do espaço geográfico não só pela sua histórica função de cultivo, mas, principalmente como território de existência e resistência.

O tema torna-se relevante diante da constante mudança na realidade do campo. A geografia agrária ficou reduzida ao estudo da agricultura, por conta dessa perspectiva, os estudos eram exclusivamente voltados à questão da agricultura em si, essa propositiva está claramente explicitada, entretanto, não se pode negar a base formadora de uma discussão que ainda hoje permeia os debates por uma geografia agrária legitimada pela apropriação de conceitos e termos, que baliza as questões postas por pesquisas das mais diversas escalas, a agricultura, a reforma agrária, movimentos sociais camponeses, agrotóxicos, o próprio território, políticas públicas voltadas ao meio rural e assim em diante.

No período capitalista da globalização, a mecanização adentra no campo, tornando-o artificializado, voltado a uma racionalidade dominante que ora explora trabalhador, ora o expropria. A agricultura, com todas as suas dificuldades, continua sendo de fundamental importância para a geografia agrária, mas, agora, o elemento humano está com um destaque que até então não havia. As relações de trabalho, as relações capitalistas e não capitalistas fazem parte, entre outras, de considerações atuais a serem feitas por quem estuda a temática. A geografia agrária tem a cada dia se tornado um ramo do estudo geográfico envolvido por discussões acaloradas e temas que envolvem as várias faces do campo brasileiro, cada vez mais complexo, cheios de contradições em um processo dinâmico envolto por conceitos e fundamentos, de forma justa, essas realidades estão cada vez mais engendradas no processo de globalização.

Para Megale (1976, p.10), “uma verdadeira combinação ou um complexo de elementos emprestados, ligados, que a transformação de um irá afetar os outros, e o conjunto em sua estrutura e dinamismo, e até mesmo em seus aspectos exteriores” Assim, iniciamos a discussão em torno de um complexo tema que requer algumas observações preliminares sobre alguns conceitos fundamentais, assim como o método.

Consideramos o método dialético como indicado a analisar as questões que estão sendo debatidas mais à frente neste trabalho. Segundo Oliveira (2004, p.33) “a dialética como corrente na Geografia Agrária tem sido marcada por princípios que sustentam essa escola de pensamento. Pode-se destacar, entre eles, o condicionamento histórico e social do pensamento, portanto, o seu caráter ideológico de classe”, onde o território reflete os conflitos e as contradições. Segundo Souza (2016, p.77), “o território, enquanto conceito, vem sendo submetido a fortes tentativas de redefinição, ao mesmo tempo que permanece sendo usado de modo excessivamente amplo”. Ampliamos esta afirmação de forma concomitante, que também legitime e viabilize a presente pesquisa.

Assim, o território é organizado historicamente por agentes humanos, política, jurídica e economicamente (SAQUET, 2007). Reafirmamos que o território é diverso e organizado por diversas instituições e povos e sujeitos, além de englobar os diversos fatores de âmbito social, cultural, econômico, esses fatores podem ser entendidos por territorialidades. Para Fuini (2017), a territorialidade humana se manifesta em todas as escalas espaciais e sociais, sendo constituída de relações mediatizadas (simétricas e dissimétricas) com a exterioridade, se colocando no quadro de produção, troca e consumo das coisas.

A geografia, enquanto ciência, vem tendo participação efetiva nas discussões que envolvem o mundo dos problemas sociais envoltos em uma camada superficial de diversas realidades esparsas, que se cruzam em determinado ponto e que muitas vezes são contraditórias, como a agricultura camponesa e o agronegócio. O presente trabalho é resultado preliminar das leituras iniciadas para o desenvolvimento do trabalho de conclusão curso de especialização em Geografia, Território e Planejamento ofertado pela Universidade Estadual da Paraíba – Campus III. A pesquisa foi desenvolvida de forma a

conjugar um arcabouço teórico crítico, trazendo à luz da discussão autores consagrados pelos seus escritos e trajetórias diante dos embates e debates em torno dos fundamentos da Geografia Agrária, como: Denez; Fajardo (2012); Fernandes (2002); Ferreira (2001); Fuini (2017); Lima (2017); Megale (1976); Mitidiero Junior; Garcia; Viana (2015); Oliveira; Marques (2004).

Para tanto, a pesquisa tem por objetivo contribuir no fortalecimento do debate contemporâneo da Geografia Agrária e sua relação com o território camponês envolvido por contradições no desenvolvimento do espaço camponês e, conseqüentemente, a relação com as políticas públicas.

2 | AGRICULTURA CAMPONESA

Com os estudos se movendo entre o agronegócio e a agricultura camponesa, o debate sobre políticas públicas voltadas à agricultura aumentou consideravelmente. Dessa forma, podemos afirmar que a temática foi legitimada não só pelo próprio movimento, mas também pelos diversos temas que surgiram juntamente com o aumento das pesquisas sobre a área. A partir daí, o campesinato, como sujeito social, fica conhecido sob o nome de *agricultura familiar* (FERNANDES, 2002). A questão principal que se coloca a respeito dessas políticas, se insere no debate dos modelos de produção, configurados pelos paradigmas do campo, que tratemos mais adiante.

Segundo Oliveira (2004), a política pública voltada à agricultura de forma ampla manteve o crescimento do desenvolvimento da agricultura camponesa de forma ínfima; em contrapartida, o que de fato aconteceu e ainda acontece é que essas mesmas políticas favorecem a lógica do modelo hegemônico da agricultura patronal, hoje identificada na noção de agronegócio ou, mais recentemente, *agrobusiness*. A problemática deste trabalho se insere na preocupação da discussão atual em torno de temas corriqueiros para a geografia agrária, e o contraponto das dificuldades para o desenvolvimento e fortalecimento da identidade camponesa, dessa forma, concordamos com Oliveira (2004) quando afirma que as políticas públicas que visem construir novos modelos rurais devem romper com as referências oriundas do capitalismo, que estão na base da crise civilizatória que ora vivemos, em especial na sociedade brasileira.

A compreensão do campo das pesquisas envolvendo o campo, vem pautada em um embate de ideias da realidade à teoria, que divergem da forma de pensar sobre a agricultura ou agropecuária.

A análise da agricultura, especificamente a brasileira, neste final de século e milênio deve ser feita no bojo da compreensão do desenvolvimento capitalista em nível mundial. Isso passa, sempre, pela compreensão desse desenvolvimento como sendo contraditório e combinado (OLIVEIRA, 2004, p. 40).

De uma forma mais abrangente, o que afirmamos é que existe uma lógica hegemônica que, como já mencionamos anteriormente, parte de fatores históricos. Dessa forma, podemos entender que existem dois territórios distintos, um pautado basicamente na visão de terra enquanto mercadoria, fortemente voltada à produção de monoculturas, e outro que entende a terra enquanto local de vida para a produção da policultura.

Segundo o Censo Agropecuário 2006 do IBGE demonstra, o segmento camponês é quem efetivamente gera 74,4% dos empregos no campo, 38% do valor bruto da produção agropecuária e produz os alimentos que compõe a mesa dos brasileiros (87% da mandioca, 70% do feijão, 46% do milho, 38% do café, 34% do arroz, 21% do trigo, 16% da soja, 58% do leite, 50% das aves, 59% dos suínos, 30% dos bovinos) (MDA, s/d). O que podemos afirmar, com os dados apresentados, vai para além da interpretação quantitativa, interpretando que as grandes corporações de produção de alimentos não favorecem a lógica de reprodução da vida, mas, sim, reprodução do lucro.

No campo, esse efeito está igualmente marcado pela industrialização da agricultura, ou seja, pelo desenvolvimento da agricultura capitalista que abriu a possibilidade histórica aos proprietários de terras ou aos capitalistas/proprrietários de terra para a apropriação da renda capitalista da terra, quer na sua forma diferencial e/ou absoluta. Está marcado, pois, pelo processo de territorialização do capital, sobretudo dos monopólios (OLIVEIRA, 2004, p.41).

Dessa forma, enquanto a lógica do capital é avançar a fronteira agrícola e explorar e extrair ao máximo os potenciais produtivos dos territórios, numa perspectiva simplificadora dos ecossistemas (terra-mercadoria) e poupadora de mão-de-obra. A lógica camponesa é de enraizamento territorial (terra para viver, habitat) portanto, agregadora de trabalho e fixadora da mão-de-obra familiar (OLIVEIRA, 2004). Assim, a questão camponesa se coloca intrínseca a diversas outras questões, que se completam em um contexto de desigualdade e injustiça.

Tema recorrente na pesquisa é a propagação e o uso de agrotóxicos na agricultura como um todo. O tema dos agrotóxicos ou “defensivos agrícolas” como tem se tornado muito comum nos dias atuais, por conseguinte de um aumento de participação da população e também da mídia, essas questões estão envolvidas internamente na produção de alimentos e na qualidade de vida da diversidade de sujeitos atuantes na sociedade. Assim:

Os agrotóxicos constituem um grave problema de saúde pública para o Brasil hoje, e isto ficará cada vez mais evidente à medida que seus impactos vão sendo desocultados no que as políticas públicas concernentes não tem tido desempenho minimamente satisfatório. [...] com a forte presença dos atores políticos e econômicos ligados ao agronegócio no legislativo e inclusive no poder executivo. Do outro lado, numa disputa profundamente assimétrica, movimentos sociais do campo, organizações sindicais de trabalhadores e trabalhadoras, entidades ambientalistas e agroecológicas, algumas associações científicas e pesquisadores militantes, que cada vez mais acolhem a questão dos agrotóxicos nas lutas por direitos territoriais,

ambientais, ao trabalho e à saúde. Trazer esse debate para o campo da Geografia Agrária amplia as possibilidades de alianças, denúncia e resistência (MITIDIERO, 2015, p. 245).

O debate ressoa em duas vertentes costumeiramente antagônicas em seus modos de pensar e suas práticas sociais, que são os pequenos produtores de produtos orgânicos e variados e os produtores de monocultura que se utilizam de muito dos agroquímicos para dar viabilidade à sua produção, é preciso notar que o tema está interacionado com uma gama diversa de outros debates internos e externos que favorecem ao mesmo tempo uma gama de discussões, mas, também, uma complexidade em as analisar.

3 | GEOGRAFIA AGRÁRIA E TERRITÓRIO

A Geografia Agrária tem, a cada dia, se tornado um ramo do estudo geográfico envolvido por discussões acaloradas e temas que envolvem a atividade agrícola, cada vez mais complexos e em um processo dinâmico envolto por conceitos que fundamentam, de forma justa, realidades que estão cada vez mais engendradas no processo de globalização. Nesse contexto, podemos dizer que a geografia como entendimento do mundo e da realidade do espaço rural fundamenta seu debate no sujeito que vive e trabalha no campo.

O campo, para muitos, é sinônimo de produção de alimentos, pessoas ignorantes e sem educação ou um lugar atrasado sem muito desenvolvimento; essa noção, para Fernandes (2004), tem muito a ver com a concretização de políticas públicas direcionadas ao campo, afirmando que o mesmo sempre foi excluído da intervenção do Estado e minimamente suprido de suas necessidades; assim, o campo brasileiro e, de forma mais abrangente, a questão agrária se mostra com sua desigualdade e exploração. O autor ainda afirma que, mesmo quando de forma ínfima a aplicação de políticas que fortaleçam de alguma forma o campo, ainda é necessário compreender que esse mesmo campo é formado por dois territórios distintos, de um lado estão os camponeses, do outro, o agronegócio e, assim, a materialização de políticas públicas estará condicionada a esses extremos. O que acontece é que o agronegócio detém bem mais apoio dos entes estatais, sobrando algumas poucas políticas para os camponeses.

Podemos considerar assim que o território compreendido pela Geografia Agrária das políticas públicas é a própria materialização das dificuldades e problemáticas que o campo enfrenta, seja territorialmente ou socialmente, que, na verdade, convergem para o mesmo entendimento que as transformações do espaço geográfico são contraditórias.

O território enquanto conceito vem sendo submetido a fortes tentativas de redefinição, ao mesmo tempo que permanece sendo usada de modo excessivamente amplo (SOUZA, 2016, p.77). Ampliamos esta afirmação de forma concomitante, que também legitime e viabilize a presente pesquisa.

Não pretendemos aqui trazer um exaustivo elenco de proposições acerca do território e nem mesmo de autores, entretanto, em face de uma contínua pesquisa que

prolongaremos para outros trabalhos e, por vezes, subsidiados por outros autores, trouxemos aqui algumas questões e achamos fundamentais aqueles que querem adentrar em pesquisas basilares em que participe o território.

Na obra que citamos o autor resgata o debate em torno do território, revitalizando o conceito e trazendo algumas questões não abordadas em seu primeiro texto de 1995, que também foi citado anteriormente. Inicialmente o autor afirma que “O território, é fundamentalmente um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder” (SOUZA, 2016, p. 75). O mesmo deixa claro que esta é uma tentativa de aproximação inicial e contínua em que a questão primordial é ampliar a ideia de poder e simultaneamente libertá-la da confusão com a violência e da restrição à dominação, permitindo, assim, conjugar as ideias de poder, território e autonomia (SOUZA, 2016).

Assim, o território é organizado historicamente por *agentes humanos*, política, jurídica e economicamente (SAQUET, 2007). Dessa forma, para além de uma visão Ratzeliana, o Estado é um dos vários sujeitos sociais que permeiam a discussão do território, é essa uma das críticas mais imediatas à concepção anterior. Para Ratzel, tudo se desenvolve como se o Estado fosse o único núcleo de poder, como se todo o poder estivesse concentrado nele (RAFFESTIN, 1993). Reafirmamos que o território é diverso e organizado por diversas instituições e povos e sujeitos, além de englobar os diversos fatores do âmbito social, cultural, econômico etc., esses fatores podem ser entendidos por *territorialidades*. Para Fuini (2015), a territorialidade humana se manifesta em todas as escalas espaciais e sociais, sendo constituída de relações mediatizadas (simétricas e dissimétricas) com a exterioridade, se colocando no quadro de produção, troca e consumo das coisas.

Tomaremos como base referencial a citação de Saquet, compreendendo que existem processos históricos que estão envolvidos na produção do território. Como bem coloca o autor:

O processo de produção do território é constituído pelo movimento histórico e por simultaneidades. Há um movimento constante que se materializa na vida cotidiana e no território, centrado na intersecção entre os tempos histórico e coexistente (multiescalar). No território, há uma conjugação entre aspectos da economia, da política, da cultura e da natureza exterior ao homem (SAQUET, 2007, p. 55).

Assim, constatamos como o processo de produção do território é dinâmico e dialético, processo este que envolve diversas escalas e aspectos. Essa concepção foi desenvolvida juntamente com a expansão dos discursos que envolvem o território. É a partir dos anos 1960-70, com a utilização, sobretudo, de princípios do materialismo histórico e dialético que se dará a revisão e a intensificação da utilização dos conceitos de território e territorialidade (SAQUET, 2007). Outro momento de expansão bastante considerável dos estudos territoriais foi nos anos 1990, tanto quantitativamente como qualitativamente, neste caso, mais precisamente no Brasil (SAQUET, 2007).

Ainda inerente ao conceito de território, foi desenvolvido a noção de territorialidade, como forma pela qual o homem se apropria do espaço e como lhe confere uso, por sujeitos, grupos sociais e coletividades. Segundo Fuini (2015), a territorialidade se refere a uma noção histórica, refere-se ao espaço vivido territorial pelos membros de uma coletividade em suas várias dimensões, tanto em termos de relações existenciais quanto produtivistas, se pauta em um conjunto de relações que se originam num sistema sociedade-espaço-tempo adequado aos recursos do sistema.

É necessário enturmarmos algumas questões importantes para continuação de conversa. Souza (2017) afirma que territórios são construídos (e desconstruídos) nas mais diversas escalas, dentro de escalas temporais as mais diferentes: séculos, décadas, anos, meses ou dias; territórios podem ter caráter permanente, mas também podem ter uma existência periódica, cíclica. O conceito de território para a geografia é fundamental, pois traz diversas determinações à pesquisa e ao desenvolvimento da ciência geográfica, é também por importância em que acontecem diversas rivalidades teóricas, digamos assim. Para Saquet e Sposito (2009), O conceito de *território*, que muitos preferem qualificar de categoria, tem rivalizado com o de *espaço*, no que se refere às escolhas teóricas dos geógrafos, quando se trata de escolher a ferramenta intelectual principal, para entender o mundo em que vivemos. Neste sentido,

Uma questão fundamental, nesta reflexão, é reconhecer as interfaces e as interligações existentes entre as diferentes dimensões do território. O processo de apropriação do território é econômico, político e cultural, no qual, a natureza exterior ao homem está presente e é influente, como já afirmamos. O território é resultado e condição desta articulação e unidade (SAQUET, 2007 p.69).

Podemos analisar a partir da citação anterior que o território pode ter várias dimensões ou perspectivas de visão distintas. Podendo ser econômico, político e também cultural. Nesta questão, recai um peso de interpretação relacionado com as diversas divergências que existem para o território, entendendo que para cada fenômeno pode-se usar uma visão distinta rodeada por um contexto histórico e com autores que já se localizam diante de certos debates, tanto teóricos quanto empíricos, fomentando, ainda mais, o debate e a produção de conhecimento baseada em renovações por entre o mundo geográfico.

O território aparece como um dos conceitos fundamentais da ciência geográfica no desenrolar histórico de seu conhecimento e, no período atual, encontra-se cada vez mais presente em trabalhos acadêmicos explicando, de diferentes formas, a maneira como a sociedade se apropria e produz o espaço, por meio de determinantes multidimensionais e multiescalares (FUINI, 2017, p.224).

No Brasil, o desenvolvimento do discurso em torno do conceito foi efetivado a partir dos anos 1970, na geografia, incorporaram-se princípios do materialismo histórico e dialético, especialmente através da atuação acadêmica e científica de professores (SAQUET, 2011).

Essa passagem mostra que, inclusive nacionalmente, o discurso em torno do conceito de território acompanhou igualmente um contexto internacional da geografia. Sobre uma nova forma de ver a ciência geográfica, partindo das concepções filosóficas provenientes da corrente filosófica que influenciou não só a geografia, mas também a sociologia, entre outras.

Desde que o território surge, na tradicional Geografia política, como o espaço concreto em si com seus atributos naturais que podem ser apropriados por um grupo social. A ocupação do território é vista como algo gerador de raízes e identidades (SOUZA, 2017). Dessa forma, podemos observar que o território sempre esteve associado às questões de identidade, porém, esta identidade inicialmente estava ligada ao Estado e seu poder sobre os demais, numa concepção totalitária de um Estado todo poderoso como coloca Raffestin (1993), o adjetivo sendo aqui tomado no sentido daquilo que abraça uma totalidade e não no sentido político atual. Mas, não nos enganemos com isso; se Ratzel ainda não conhecia o Estado totalitário, no sentido atual do termo, já fazia uma ideia dele e, de fato, por meio da sua geografia, tornou visível o Estado em seu cenário espacial.

Assim, o território era visto como território detentor de todo o poder, um Estado totalitário, os recursos naturais seriam a legitimação para seu poder e a sua expansão, atentando para o fato que as relações de poder eram mediatizadas exatamente pelo uso do solo, como já foi visto anteriormente, isso nos coloca em uma margem para colocações sobre a materialidade do território e seu escopo material, que também inclui as relações do povo com o aparelho do Estado. Sobre isso expõem Saquet (2007, p. 65),

[...] o conceito de território não pode ser classificado como *físico* ou fenômeno *inanimado*, mas como uma área onde há um *elemento de centralidade*, que pode ser uma *autoridade exercendo soberania* sobre as pessoas ou o *uso* de um lugar. Direito, política e jurisdição são atributos específicos dos homens e estão presentes na constituição do território.

Esta citação sintetiza bem a ideia de poder diante de uma área, como uma autoridade exerce autoridade, soberania sobre algum lugar ou pessoas, pelo direito, política e jurisdição, assim independente da instituição, alguém ou alguma instituição sempre será submetido a um certo jogo de poderes, donde haverá um sujeito preponderante diante de uma maioria. Assim, o território através de sua produção (controle, dominação e apropriação), e que se manifesta por suas diversas territorialidades, novas possibilidades ao tratamento do conceito que melhor explica as relações assimétricas (ou dissimétricas) de poder (FUINI, 2015). O autor, em outro trabalho, afirma que,

A retomada do conceito se dá mais pela ampliação de seu escopo, ou unidade de significado que passa a explicar mais objetos, processos e eventos, do que meramente uma popularização em termos quantitativos (n. de trabalhos e aparições do conceito), ainda que em termos lógicos a popularização decorra de sua maior extensão explicativa (mais processos podem ser explicados pelo viés territorialista) (FUINI, 2017, p. 226).

Assim, a uma ampliação da discussão em decorrência da extensão que o conceito retoma, a, por assim dizer, uma popularização do termo ampliando trabalhos e pesquisa que envolvem o território. Os processos sociais e naturais, e mesmo nosso pensamento, efetivam-se na e com a territorialidade cotidiana. É aí, neste nível, que se dá o acontecer de nossa vida, e, é nesta que se concretiza a territorialidade (SAQUET, 2007, p. 58). O autor enfatiza o cotidiano, o que traz infinitas territorialidades por inúmeros processos sociais e naturais que circundam o mundo dos fenômenos, atraídos também por uma diversidade de instituições e coletividades.

Com a profunda discussão das ciências, neste caso, a ciência geográfica, novas formas de pensar vão surgindo, evoluindo, novos conceitos vão sendo criados, outros renovados, o que decorre muitas pesquisa e evolução da ciência que evolui juntamente com a metamorfose do espaço, o território imaterial é resultado de um debate contemporâneo sobre o território libertando da concretude exacerbada que foi dada durante o período da geografia clássica. Ofertando uma possibilidade imaginária que envolve questões subjetivas, como a linguagem e as artes. O Território imaterial,

[...] está presente em todas as ordens de territórios. O território imaterial está relacionado com o controle, o domínio sobre o processo de construção do conhecimento e suas interpretações. Portanto, inclui teoria, conceito, método, metodologia, ideologia etc. O processo de construção do conhecimento é, também, uma disputa territorial que acontece no desenvolvimento dos paradigmas ou correntes teóricas (SAQUET; SPOSITO 2009, p. 210).

A questão da imaterialidade do território é fundamental em contexto de mundo onde existe, uma determinação de ideias e ideais muito grande e complexa, que envolve diferentes grupos sociais. A imaterialidade também retrata o conhecimento e a cultura em geral, diante de visões distintas de conceber a realidade, entretanto, a imaterialidade não consegue responder a todas as determinações, podemos dizer que deve existir uma complementaridade entre estes dois territórios, o material e imaterial, um anseio fecundo em compreender em uma totalidade determinado objeto de pesquisa, que dê conta de subsidiar respostas, dúvidas, caminhos e problemas.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concordamos que existe uma diversidade de olhares de mundo e que cada um deles pode ser pensado com ajuda de categorias que possibilitam interpretações distintas, mas, igualmente relevantes. Repensar o Espaço agrário requer uma busca constante de pesquisadores em tentar compreender suas múltiplas faces em diferentes escalas e situações diversas, seja no plano teórico ou na pesquisa empírica.

Tentamos, de forma breve, trazer algumas considerações de cunho acadêmico que sirvam para o fortalecimento das pesquisas e como referência a melhorias nos fundamentos da pesquisa geográfica, com sua diversidade e contradições internas, que fazem parte

também da identidade científica da Geografia, com seu arcabouço teórico enfocando o Território como categoria analítica, contribuindo para a interpretação dos fenômenos que se desenrolam no espaço geográfico.

REFERÊNCIAS

DENEZ, Cleiton Costa; FAJARDO, Sergio. O Espaço Sob a Ótica da Geografia Agrária: Breves Considerações. **Revista GeoNordeste**, n. 2, 2012.

FERNANDES, Bernardo Mançano. Agricultura camponesa e/ou agricultura familiar. **Anais do XIII Encontro Nacional de Geógrafos**. João Pessoa: AGB, 2002.

FERREIRA, Darlene Aparecida. **Mundo rural e geografia**: geografia agrária no Brasil, 1930-1990. São Paulo: Unesp, 2001.

FUINI, Lucas Labigalini. Construções teóricas sobre o território e sua transição: A contribuição da Geografia brasileira. **Revista Colombiana de Geografia**. Bogotá, Universidad Nacional de Colômbia. v. 26, n. 1, p. 221-242, jun. 2017.

LIMA, Espedito Maia (Org). **Desenvolvimento rural e políticas territoriais**: evidências no nordeste brasileiro. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2017. 175p.

MEGALE, Januário Francisco. Geografia Agrária: objeto e método. **Campo-Território**: Revista de geografia agrária. v. 6, n. 11, 1976.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO. **Agricultura familiar no Brasil e o Censo Agropecuário de 2006**. Brasília: s/d.

MITIDIERO JUNIOR, Marco. Antônio; GARCIA, Maria Franco; VIANA, Pedro Costa Guedes. (Org). **A questão agrária no século XXI**: escalas, dinâmicas e conflitos territoriais. São Paulo: Outras Expressões, 2015. 520 p.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de; MARQUES, Marta Inez M. (orgs). **O campo no século XXI**. São Paulo: Editora Casa amarela e Editora Paz e Terra, 2004.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. **Modo de Produção Capitalista, Agricultura e Reforma Agrária**. São Paulo: Labur Edições, 2007.

SAQUET, Marcos Aurélio. **Abordagens e concepções de território e territorialidade**. Revista Geográfica de América Central, Costa Rica, v. 2, n. 47E, p. 1-16, jul. 2011.

SAQUET, Marcos Aurélio; SPOSITO, Eliseu Savério (Org). **Territórios e territorialidades**: teorias, processos e conflitos. São Paulo: Expressão popular, 2009.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. O território: sobre o espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. *In*: CASTRO, Iná Elias de; GOMEZ, Paulo Cesar da Costa; **Geografia**: Conceitos e Temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.

SOUZA, Marcelo Lopes de. Território e (des)territorialização. *In*: **Os conceitos fundamentais da pesquisa socioespacial**. 3.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2016. cap. 4, p. 77-110.

STÉDILE, João Pedro. (org.) **A questão agrária no Brasil**: programas de reforma agrária(1946-2003). São Paulo: Expressão Popular, 2005.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Agricultura Camponesa 1, 3, 4, 11

Análise de Discurso 76, 81, 82, 84, 95

Análise Dialógica 141, 142, 144

Atendimento Pré-Hospitalar 186, 187, 190

C

Ciência 1, 3, 8, 9, 10, 39, 41, 42, 54, 55, 56, 59, 60, 61, 62, 111, 123, 142, 153, 176

Comunicação 28, 29, 35, 76, 78, 83, 84, 96, 104, 106, 145, 206, 207, 208, 218

Comunidades Quilombolas 153, 154

D

Defensa 63, 64, 65, 67, 70, 71, 72, 73, 74

Delimitação de Campo 54

Diretoria da Instrução 164, 165, 166, 167, 171, 173

E

Economia Política 37, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62

Empoderamento 186, 187, 188, 189, 191, 192, 193

Enfermagem 174, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 189, 192, 193

Enfermeiro 180, 181, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193

Engenharia Humana 174, 177

Escola Técnica 141, 142, 143, 145, 146, 148, 151

Estresse Emocional 186

Etnobotânica 153

F

Fortificación 63, 69

Frontera Militar 63, 64, 71, 72

G

Gestão Metropolitana 43, 45, 47, 49, 50, 51

H

Higiene Pública 164, 165, 167, 168, 170, 172

I

IIRSA 98, 99, 100, 101, 103, 104, 106, 107, 108, 109, 110, 114, 115

Inspeção da Instrução 164, 165, 168, 170

Integração Sul-Americana 98, 101

J

Jardim Romântico 129, 130, 131, 140

L

Laicização da Cidade 129, 132, 138

Lucro 5, 39, 40, 41, 42, 90

M

Meio Ambiente 10, 39, 41, 57, 98, 99, 102, 103, 104, 105, 111, 112, 114, 115, 144, 155, 202

Monocultura 6, 39

P

Paisagem Urbana 141, 142, 143, 144, 145, 146, 150, 151

Pensamento Burguês 54, 56

Pensamento Socialista 54, 56

Plantas Medicinais 153, 154, 155, 161, 162

Políticas no Campo 1

Políticas Públicas 1, 2, 4, 5, 6, 16, 76, 90, 93, 94, 95

R

Riscos Ocupacionais 174, 175, 176, 177

Rocaille 129, 130, 131, 134, 135, 137, 138, 140

S

Saber Popular 153

São Paulo 11, 12, 21, 36, 37, 38, 42, 52, 53, 62, 90, 93, 96, 110, 114, 115, 128, 140, 141, 142, 143, 145, 146, 148, 150, 152, 161, 162, 182, 193, 200, 207, 208, 217

Saúde do Trabalhador 174, 176, 177

Subjetividade 43, 45, 46, 53

Subjetividade Política 43, 45, 47, 48, 49, 50

Subjetividade Social 43, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 52

T

Terceiro Setor 76, 77, 78, 79, 80, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96

Território 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 16, 17, 18, 20, 25, 26, 30, 34, 38, 100, 106, 110, 112, 113, 129, 132

Transgênicos 39, 40, 41, 42



EPISTEMOLOGIA E METODOLOGIA DA PESQUISA INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS 3

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 



EPISTEMOLOGIA E METODOLOGIA DA PESQUISA INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS 3

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 